

HIERARQUIA CONTEXTUAL E CONSTRUCIONAL – CORRESPONDÊNCIAS E IMPLICAÇÕES¹

Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq)² e Rossana Alves Rocha (INES)³

RESUMO

Este artigo se dedica ao tratamento da correlação entre os fatores contextuais – intra e extralinguísticos - e a abordagem construcional da gramática, na defesa de que em ambos os eixos está presente a dimensão hierárquica. Com base principalmente em Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2015; 2010) e Diewald (2006; 2002), destacam-se propriedades contextuais como motivadoras de neoanálises que derivam em construcionalização. Para argumentar a favor da relação hierárquica aludida, utilizam-se dados de Rocha (2016), em sua pesquisa acerca das mudanças contextuais e construcionais de que resultou a construção conectora do português formada por pronome locativo e verbo (LocV), tal como em *aí está* ou *lá vai*.

PALAVRAS-CHAVE: Propriedades contextuais; hierarquia construcional; construcionalização.

ABSTRACT

This paper addresses the treatment of correlation between contextual factors – extra and intra-linguistic - and constructional approach to grammar proving that the hierarchical dimension is present in both. Based mostly in Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2015; 2010) and Diewald (2006; 2002), it highlights contextual properties as motivators of neoanalysis arising in constructionalization. Defending the aforementioned hierarchical relationship, Rocha's research data about contextual and constructional changes (2016) are used, which resulted in the connector construction of Portuguese, formed by locative pronouns and verb (LocV), such as *aí está* or *lá vai*.

KEYWORDS: Contextual properties; constructional hierarchy; constructionalization.

1 Agradecemos a leitura crítica do prof. Ivo da Costa do Rosário, cujas sugestões concorreram para o aprimoramento da versão final deste artigo.

2 Universidade Federal Fluminense; mariangelariosdeoliveira@gmail.com

3 Instituto Nacional de Educação de Surdos; rossanalves@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Desde a fase inicial da pesquisa funcionalista em sua versão clássica, iniciada nos anos 70 do século XX, com base em Bolinger (1977), Givón (1979), Hopper (1987), entre outros, ganha lugar de destaque a perspectiva gradiente na abordagem dos usos linguísticos. Tal concepção está presente, por exemplo, na proposição do ciclo funcional givoniano, com a defesa da trajetória de mudança *discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero*, como também nas derivações do tipo *léxico > gramática, menos gramatical > mais gramatical, mais concreto > mais abstrato* ou ainda *parataxe > hipotaxe > subordinação*. A dimensão hierárquica constitui, portanto, uma propriedade relevante e fundamental dos estudos de base funcionalista. Nessa dimensão, como podemos observar nas trajetórias exemplificadas, nem sempre está presente o traço da subordinação ou da verticalidade; na acepção que aqui assumimos, entretanto, *hierarquia* é entendida como um tipo de classificação ou ordenação segundo critérios específicos.

No período mais recente desses estudos, denominado *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU) por conta da incorporação da perspectiva construcional à pesquisa funcionalista, conforme se encontra em Bybee (2010; 2015) e em Traugott e Trousdale (2013), mantém-se a perspectiva hierárquica aludida. Assim, com a incorporação de pressupostos cognitivistas, atinentes ao tratamento construcional da gramática, como proposto em Goldberg (1995; 2006), Croft e Cruse (2004) e Croft (2001), entre outros, a mudança linguística e seus contextos de ocorrência continuam a receber tratamento escalar. De acordo com a LFCU, o uso linguístico é derivado de pressões de ordem estrutural, cognitiva e sócio-histórica, exibindo áreas de maior e de menor estabilidade, que conferem às categorias da língua, como destacado em Bybee (2010), as propriedades de gradiência e variabilidade.

Assim posto, nosso objetivo no presente artigo é o de abordar a perspectiva hierárquica, tão cara à pesquisa funcionalista desde sua origem, com base no tratamento de duas dimensões dos estudos na área da LFCU – a contextual e a construcional. Nessa abordagem, assumimos que escalaridade é traço constitutivo dos contextos de uso linguístico e, por consequência, do grau de integração semântico-sintática dos elementos que os constituem. Nesse sentido, consideramos que a mudança linguística ocorre sob determinadas condições textual-discursivas, ou seja, é algo que se dá em função de propósitos comunicativos específicos, atingindo não só determinados itens combinatórios, mas o contexto maior de interação. Para tanto, trabalhamos com uma definição de *contexto* mais ampla e complexa, de acordo com Traugott e Trousdale (2013). Tal definição inclui tanto o *co-texto*, nos termos de Catford (1965), considerado o entorno linguístico mais específico, relativo à sintaxe, à morfologia, à fonologia e à semântica, quanto propriedades extralinguísticas, como tempo, modalidade, gênero discursivo, sequência tipológica, entre outras.

Para dar conta de nosso objetivo, este artigo se subdivide em três seções. Na primeira, tratamos das abordagens contextual e construcional na perspectiva da LFCU; nessa seção, conceituamos a construção e a construcionalização, ressaltando o papel do contexto para a derivação de inferências conceituais e de rearranjos estruturais responsáveis pela fixação de novos padrões construcionais na língua. Na segunda seção, destacamos a escalaridade das propriedades contextuais e sua importância

para a gradiência e a gradualidade dos usos linguísticos e de sua mudança, com destaque para as alternativas e implicações metodológicas que esse viés teórico confere à pesquisa linguística. Na terceira seção, como demonstração e evidência empírica do que estamos aqui assumindo, trazemos resultados da pesquisa de Rocha (2016) acerca da formação da construção conectora integrada por pronome locativo e verbo (doravante LocV) e seus contextos de uso no português. Na seção que encerra o artigo, a partir do que foi exposto e demonstrado por meio de exemplário, tecemos considerações acerca do rumo da pesquisa na área da LFCU, em termos da consideração escalar e inter-relacionada da mudança gramatical por construcionalização e de seus contextos de ocorrência, com destaque para o tratamento holístico e complexo de que se reveste a pesquisa nessa área com base em tal concepção.

2. ABORDAGEM CONTEXTUAL E CONSTRUCIONAL NA LFCU

Desde a fase inicial dos estudos funcionalistas, observamos a menção à importância dos fatores de ordem contextual para a descrição e a análise dos usos linguísticos. Embora sem se chegar a uma sistematização ou definição mais clara das propriedades caracterizadoras do contexto, sua relevância e menção estão presentes desde as primeiras pesquisas nessa área.

É o que observamos, por exemplo, em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), ao afirmarem que o que ocorre com o significado de um elemento depende dos *contextos* em que é usado. Mais tarde, encontramos em Himmelmann (2004) a afirmação de que é o elemento gramaticizando em seu *contexto sintagmático* que é gramaticizado. O mesmo destaque para as relações contextuais é feito por Traugott e Dasher (2005), com a ênfase da *metonimização*⁴, na base de relações sintagmáticas e associativas, para a mudança gramatical. Segundo Bergs e Diewald (2009, p. 3), o contexto se define como *a área de sobreposição entre pragmática e discurso*. A importância da dimensão contextual também se salienta mais tarde em Bybee (2010), que defende a efetiva integração de aspectos do sentido que são deriváveis a partir do *contexto* e aqueles que são inerentes ao item ou à construção.

O crescente destaque para a esfera contextual é motivado, entre outros fatores, pela incorporação da abordagem construcional, via Cognitivismo, aos estudos funcionalistas, na perspectiva da LFCU. Assim, passa-se a considerar que a língua é um conjunto de construções, de esquemas hierárquicos organizados e interconectados em rede. Tais construções, com base em Goldberg (1995; 2006), se definem como pareamentos de sentido e forma, que exibem distinções, conforme proposto em Traugott e Trousdale (2013), em termos de esquematicidade (o grau de generalidade de seus traços de forma e sentido), composicionalidade (o nível de integridade de suas subpartes) e produtividade (a frequência com que são instanciadas).

Ao assumir tal abordagem construcional, a LFCU entende que: a) as construções de uma língua distribuem-se em dois conjuntos maiores: as de conteúdo, no nível do léxico, com sentido mais pleno e objetivo (como os nomes e verbos), e as procedurais, no nível da gramática e da pragmática, com

⁴ De acordo com Traugott e Dasher (2005, p. 28-29), a metonimização é entendida como fenômeno conceitual e mais básico para a língua e a cognição do que a metaforização. A metonimização refere-se ao âmbito das relações sintagmáticas e associativas no contexto de produção do uso linguístico.

sentido mais abstrato e (inter)subjetivo (como os conectores e marcadores); b) as construções de uma língua são fruto de mudanças construcionais (em termos da forma ou do sentido) que levam à construcionalização⁵ (o surgimento de um novo pareamento semântico-sintático, de um novo nó na rede construcional); c) as construções de uma língua organizam-se em hierarquia, de acordo com Traugott (2008): no nível mais alto e esquemático, encontra-se a *macroconstrução*, no plano intermediário, estão as *mesoconstruções*, os *types* específicos constituem as *microconstruções*, enquanto os usos efetivos são os *constructos*. Conforme tal entendimento, a LFCU confere à abordagem construcional dos usos linguísticos hierarquia e dinamicidade, mantendo, assim, as concepções teóricas de sua fase clássica, agora aliadas a pressupostos cognitivistas.

Para a detecção de mudanças construcionais e de construcionalização, são fundamentais as relações estabelecidas ao nível dos fatores contextuais, incluindo os linguísticos e os extralinguísticos. Embora a mudança ocorra no âmbito das subpartes envolvidas, todo o ambiente textual-discursivo concorre, em menor ou maior grau, para as neoanálises⁶ realizadas, distribuídas em efeitos de sentido, como as inferências conceituais, e/ou em efeitos formais, como os rearranjos estruturais.

3. DIMENSÃO ESCALAR DO CONTEXTO E DA CONSTRUÇÃO

Iniciamos esta seção com uma pergunta de ordem geral e que tem a ver com nosso objetivo neste artigo: por que relacionar contexto e construção numa perspectiva hierárquica? São várias e complementares as respostas a essa pergunta. Uma resposta inicial seria porque relações e pressões contextuais são fundamentais para tratar de construcionalização e de mudança construcional, uma vez que a motivação contextual é distinta nas fases pré e pós-construcionalização. Na primeira, o contexto é marcado por maior instabilidade, com inferências polissêmicas e metonimização, podendo tal instabilidade persistir no nível das subpartes envolvidas ou do contexto como um todo. Na segunda, uma vez convencionalizada uma nova construção na rede, o contexto se regulariza e se expande, licenciando novas instanciações do esquema consolidado.

Uma outra resposta seria porque construções em rede com sentido e forma semelhantes podem ser tomadas como fatores contextuais importantes e servir de modelos ou atratores analógicos, nos termos de Fischer (2009). Assim, ao descrever e analisar determinado padrão construcional e seu contexto de instanciação, é possível detectar membros exemplares e outros mais marginais, destituídos de traços prototípicos. Trata-se de um ponto importante, porque o contexto mais amplo de mudanças sistêmicas na língua é um fator relevante para entender os usos linguísticos.

Com base nas duas respostas gerais aqui formuladas e a partir da definição de contexto que assumimos, apresentada na parte introdutória deste artigo, destacamos, de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 197), três fatores fundamentais para o tratamento da relação contextual e construcional

5 A construcionalização pode ser de dois tipos: a) lexical, quando o novo nó criado tem conteúdo mais pleno, identificado com a classe dos nomes ou dos verbos; b) gramatical, quando o novo nó tem sentido procedural, passando a integrar classes como a dos advérbios, conectores, modalizadores e outros.

6 Como Traugott e Trousdale (2013, p.36), adotamos o termo *neoanálise* no lugar de *reanálise*, por entendermos que não se pode analisar novamente uma estrutura recém-construída, que ainda não dispunha, até então, de análise anterior. Assim, a mudança linguística leva, de fato, a uma nova e inaugural interpretação.

em perspectiva hierárquica: a) o fluxo linear da fala e da escrita (o eixo de combinação, das relações sintagmáticas e da indexicalidade), no nível da metonimização; b) as alternativas disponíveis (o eixo de similaridade, escolha, paradigmaticidade e iconicidade); c) as mudanças sistêmicas e mais gerais afetando nós e links da rede no momento do uso linguístico.

A relação entre a dimensão contextual e a construcional, em termos hierárquicos, enseja algumas considerações e revela grande complexidade. Na mudança gramatical por construcionalização, neoanálises ocorrem em pequenos passos, observáveis em *contextos específicos*, assim, é necessária a abordagem escalar desses contextos. De outra parte, o contexto mais amplo em que a mudança ocorre é tipicamente a rede construcional “local”, ou seja, aquela parte da rede que é mais fortemente afetada por *spreading activation*⁷, portanto, as propriedades contextuais desse local merecem tratamento criterioso. É preciso levar em conta ainda a distinção entre contexto de construção-específica (*construction-internal*) e contexto de rede (as ligações entre construções), bem como os usos discursivos nos quais falantes instanciam construções, que são contextos discursivo-funcionais mais amplos.

Para dar conta, pelo menos em parte, da escalaridade contextual, na pesquisa da mudança linguística por construcionalização gramatical, trazemos aqui duas propostas hierárquicas, que guardam correspondência e alguma distinção. No quadro a seguir, são apresentadas as referidas propostas:

Quadro 1 - Comparação da taxonomia contextual de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006)

Heine	Diewald
Estágio 1: uso <i>normal</i>	Estágio 0: uso <i>normal</i>
	Estágio 1: contexto <i>atípico</i>
Estágio 2: contexto <i>ponte</i> (pragmático, semântico)	Estágio 2: contexto <i>crítico</i> (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 3: contexto <i>switch</i> (gramaticalização)	Estágio 3: contexto <i>isolado</i>
Estágio 4: convencionalização	(gramaticalização: reorganização e diferenciação)

Fonte: Traugott (2012, p. 9)

Como podemos observar, com base no Quadro 1, ambos os autores dividem os tipos contextuais por estágio, enfatizando sua dimensão hierárquica. O ponto inicial ou original, nomeado igualmente por Heine e Diewald de *normal*, é identificado como aquele correspondente ao uso regular e inicialmente estabilizado, que antecede a mudança construcional; via de regra, trata-se de contexto fonte, em que prevalece um sentido mais concreto e referencial, identificado contextualmente, de outra parte, com

⁷ Mantivemos o termo original, usado por Traugott e Trousdale (2013, p. 54), na referência a um tipo de mecanismo ativador de nós construcionais intimamente relacionados em eventos de uso particular, que, assim, se disseminam na rede.

seqüências textuais mais objetivas.

A seguir, os autores passam a divergir um pouco em sua taxonomia, uma vez que entram em cena, nos contextos de uso, de modo mais efetivo, aspectos relativos à (inter)subjetividade e à abstração de sentidos. Para Heine, o que vem depois do primeiro estágio, motivado por inferências sugeridas, nos termos de Traugott e Dasher (2005), e por ambigüidade pragmática, é um tipo de contexto nomeado de *ponte*⁸, assim chamado porque tem o papel de servir de elo entre o estágio normal e o subsequente, já com registro de mudança gramatical. Assim, no contexto ponte são instauradas polissemias e ambigüidades transitórias que, posteriormente, se regularizam em novo uso, ou seja, no contexto *switch*⁹. Nesse terceiro estágio contextual, perde-se a conexão com o sentido articulado no contexto normal ou fonte, em prol do novo sentido. Por fim, no quarto estágio, o novo significado está apto à sistematização na comunidade linguística, o que o autor nomeia de *fase convencional*.

A distinção da hierarquia contextual de Diewald reside na separação feita entre o contexto atípico, identificado com o estágio 1, e o crítico, concernente ao estágio 2. Ambos os estágios são marcados por ambigüidade e polissemia: no contexto atípico, essa difusão ocorre somente ao nível do sentido, na base de inferências e implicaturas, enquanto no contexto crítico tal difusão é acompanhada de rearranjos estruturais, envolvendo metonimização. Ainda destaca Diewald que o contexto crítico é de menor produtividade na língua face aos demais, um vez que tende a ser substituído em prol do novo uso, mais disseminado na comunidade linguística. Por fim, a autora propõe o contexto isolado, como o ambiente específico em que se consolida a mudança gramatical; nessa fase, cria-se um novo nó na rede construcional da língua, daí se mencionar a reorganização (paradigmática e sintática) e a diferenciação (em termos do contexto normal).

4. HIERARQUIA CONTEXTUAL E CONSTRUCIONAL NA PESQUISA DA CONSTRUÇÃO LOCVCONECT

Nesta seção, ilustramos a relação entre gradiência contextual e construcional assumida pela LFCU por intermédio de dados da pesquisa de Rocha (2016). A autora, com base no levantamento das instanciações da macroconstrução LocV na trajetória do português, parte dos contextos *normais* de ocorrência de Loc e V contíguos, nos termos de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006), identifica as seqüências textuais motivadoras da construcionalização LocV, bem como aponta a microconstrução exemplar desse esquema, nos termos de Bybee (2010; 2015). Rocha (2016) detalha os distintos níveis de vinculação semântico-sintática das subpartes Loc e V, na defesa da formação de um novo membro da classe dos conectores no português – a LocV.

Para o referido detalhamento, a autora lança mão dos pressupostos da teoria localista, como assumida em Batoréo (2000), e, assim orientada, classifica as seqüências Loc e V em termos da derivação *espaço > tempo > texto*, conforme Lyons (1970). O primeiro estágio diz respeito à referência física e mais concreta das subpartes, seguida pela referência mais virtual, chegando a usos mais abstratos,

8 No original, Heine (2002), o denomina *bridge context*.

9 Mantivemos aqui o termo originalmente usado por Heine (2002).

ligados a sentido temporal ou, em termos mais avançados, a sentido textual. Essa hierarquia semântica tem impacto nos níveis de composicionalidade, de esquematicidade e de produtividade dos usos pesquisados por Rocha (2000).

Após levantamento exaustivo das fontes selecionadas, no site *Corpus do Português*¹⁰, do século XV ao XX, a autora, com base em critérios de produtividade, seleciona para análise as microconstruções conectoras *aí vem*, *lá vai*, *aqui está*, *aí vai*, *aí está* e *lá está*. Rocha (2016) assume que *aí está*, em perspectiva histórica, revela-se o membro exemplar da LocV. Tal assunção advém tanto da presença de *aí está* nos primeiros registros na língua em contextos atípicos, críticos e isolados levantados no século XIX, quanto desse *type* constituir-se como o mais instanciado da LocV. Por intermédio da microconstrução *aí está* e de seus contextos de uso, é possível detectar a trajetória da construcionalização LocV no português.

A seguir, apresentamos o levantamento da microconstrução exemplar *aí está* nas fontes pesquisadas por Rocha (2016), distribuído pelos contextos de ocorrência propostos por Diewald (2002; 2006), o que implica também a distribuição por níveis de integração de Loc e V rumo à construcionalização LocV:

Tabela 1: Hierarquia contextual e construcional de *aí está* na trajetória do português

<i>Aí está</i>	C. normal	C. atípico	C. crítico	C. isolado	Total
Séc. XX	45	53	5	52	155
Séc. XIX	119	109	8	108	344
Séc. XVIII	0	2	0	0	2
Séc. XVII	2	0	0	0	2
Séc. XVI	3	0	0	0	3
Séc. XV	1	0	0	0	1
Total	170	164	13	160	507

Fonte: Rocha (2016, p. 101)

Como se pode observar pela Tabela 1, embora, em termos absolutos, o contexto normal seja o mais frequente, com 170 registros, são expressivos os dados de contexto atípico, com 164 dados, e mais ainda de contexto isolado, com 160 registros¹¹. Por outro lado, e de acordo com a proposta de Diewald (2002; 2006), o contexto crítico é o de menor ocorrência, com somente 13 dados na Tabela 1.

Na sincronia mais antiga do *corpus*, o século XV, levantou-se apenas um uso da combinação *aí está*,

¹⁰ Banco de dados disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/>

¹¹ Vale destacar que as fontes do século XIX, no banco de dados pesquisado, eram mais numerosas, o que justifica o maior número de dados levantados, inclusive em relação ao século XX.

na grafia *hii está*. Tal ocorrência, representativa de contexto fonte, encontra-se ilustrada a seguir:

(1) *Capitolo XVIIIº como o comde pos primeiramemte as atallaias & em que lugares, & como os mouros vieram, & da escaramuça que hii ouve. Amtre as cousas que o comde ordenou pera guarda da çidade assy foram as atallaias, as quaes foram postas logo primeiramemte sobre Barbaçote, em hû outeiro que **hii está**. & no dia seguynte que hor-denarão mamdou o comde hû de cavallo que fosse por hos homës ã ellas, o qual, amdando çercamdo a çidade pera descobrir allgûs mouros, se hos hii avia, sayram a elle hûa soma delles que jaziam escomdidos & começarão de ho seguyr.* (Crônica do Conde D. Pedro de Meneses, 1400-1500)

Em (1), temos um trecho de crônica em que Zurara relata acontecimentos em Ceuta. Em tal trecho, a combinação *hii está* é usada em seu sentido mais referencial, com *hii* fazendo referência físico-concreta ao espaço implícito na situação comunicativa e *está* assumindo valor estativo de localização espacial. O contexto apresenta ainda sujeito, com referente concreto, *outeiro*, compondo *frame* espacial, nos termos de Fillmore (1968).

Assim posto, as sincronias mais antigas do *Corpus do Português* registram o uso mais concreto da trajetória da combinação *ai está*. Tal resultado vai ao encontro da taxonomia contextual de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006), uma vez que o contexto fonte é considerado o estágio inicial, sem vestígios de alteração semântico-sintática das combinações. Há, assim, um primeiro estágio, de uso *normal*, em ambientes de anteposição de complemento adverbial locativo a verbo de base espacial estativa.

No século XIX, registram-se 344 ocorrências da combinação *ai está*, 314 na grafia mais recente, *ai está*, 23 ocorrências na grafia *ai está*, uma ocorrência na grafia *ai esta* e seis ocorrências na grafia *ahi está*. Em (2), a seguir, ilustra-se, com base nos fatores de análise contextuais, fragmento de *ai está* no contexto atípico, em sequência do século XIX:

(2) *Deixamos ai de pé esta série de interrogações. A lógica da História faz destas emboscadas. Quem transigir com a pirataria **ai está** a conseqüência. O direito natural diz: ninguém pode reduzir a coisa pessoa humana. A religião diz: é inviolável na sua liberdade a imagem de Deus sobre a Terra.* (Século XIX, Patrocínio: Campanha)

Os contextos demonstram a gradualidade da mudança linguística. No primeiro, em (1), o *ai* se comporta como um locativo dêitico, que aponta para o local em que o outeiro está localizado e o *está* é um verbo estativo de localização espacial, motivando a leitura como um contexto fonte. Em (2), o uso de *ai está* ilustra contexto atípico, já que o *ai*, em vez de fazer uma referência físico-concreta, como no contexto anterior, apresenta referência mais abstrata e subjetiva, e o *está* indica a localização

textual de um sintagma nominal, com referente abstrato *a consequência*.

O fragmento (2) ilustra o segundo estágio, o contexto atípico, com opacidade semântico-pragmática, em que se inicia certa ambiguidade entre Loc e V, em termos de sua referencialidade mais concreta e composicional.

O fragmento (3), a seguir, é bastante significativo, por apresentar antes de *aí está* a partícula *eis*, elemento juntivo de natureza coesiva não levantado na análise do século XX. Assim, no contexto crítico do século XIX, a combinação *aí está* encontra-se posposta ao elemento juntivo *eis* e antecedida por sintagma verbal, iniciado por *porque* ou *como*, ou por sintagma nominal cujo referente é abstrato.

Desse modo, a presença de *eis* marca um traço específico do contexto crítico de *aí está* no século XIX e pode ser relacionada ao *priming*, processo pelo qual uma unidade linguística pode ser acessada mais rapidamente se precedida de outra com a qual partilhe características (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), como demonstrado a seguir:

(3) *Então lembrai-vos da história do infeliz filho de Meg? - Quereis ouvi-la? - tomei lhe. - Eu vô-la posso contar palavra por palavra? - Para quê? Pergunte-vos por isso para poupar-me palavras, que bem perto de mim já vejo a morte. Depois de ter-se calado por um momento, em que pareceu reunir algumas idéias, prosseguiu: - Vivi, amei e sofri como Aldo; eis aí está toda a história da minha vida; com uma pequena diferença, e é que ao rimador salvou do suicídio o astrólogo Acroceronius, e a mim esse irracional que entreguei à vossa generosa proteção. Como Aldo, uma hora na minha vida também eu tentei suicidar-me. (Século XIX, Almeida: Paulo)*

Em (3), o fragmento representa contexto crítico, admitindo leitura, ao mesmo tempo, como contexto isolado e atípico. A leitura como contexto atípico é admitida: a) pela posposição de *aí está* ao elemento de natureza coesiva *eis*; b) pela posposição de *aí está* ao sintagma nominal *toda a história da minha vida*; c) pela forma locativa *aí* indicar uso menos referencial, apontando localização textual. Por outro lado, a leitura como contexto isolado pode ser admitida pelo *frame* não espacial e pela presença de *aí está* em uma sequência argumentativa. Nesse contexto, de acordo com Tavares (2010), há sequenciação retroativo-propulsora¹² articulada por *aí está*, com a retomada do trecho no qual o locutor expõe que viveu, amou e sofreu como Aldo, *Vivi, amei e sofri como Aldo*. Ao mesmo tempo, há destaque do trecho *toda a história da minha vida*, posposto à combinação *aí está*. Verifica-se, assim, o terceiro estágio, o contexto crítico, em que, além da ambiguidade semântica, verifica-se metonimização, com rearranjo estrutural.

No quarto estágio, constata-se o contexto isolado, nos termos de Diewald (2002; 2006), no qual se

12 De acordo com Tavares (2010), trata-se de uma função textual-discursiva que atua anafórica e cataforicamente, unindo declarações anteriores e sinalizando declarações posteriores, concorrendo para a coesão textual.

convencionaliza a função conectora do pareamento LocV, com diminuição da composicionalidade e consequente incremento da esquematicidade das subpartes. O *type aí está* é empregado como elemento de conexão catafórica e anafórica, semelhante a *eis*. A microconstrução apresenta: a) posição fixa no início do período; b) posposição a elemento coesivo (*ora, então e pois*); c) anteposição a sintagma verbal iniciado pelos elementos coesivos *porque* (ou, mais raramente, a sintagma verbal com *porque* em outras posições), *para, que, para que, o que, quando, em que e como*. Ademais, em tal contexto, *aí está* muitas vezes se apresenta isolado no período, anteposto e posposto à pausa, marcada por vírgula, ponto final, dois-pontos e exclamação.

É relevante observar que, nos contextos isolados do século XIX, a forma *eis* desaparece e *aí está* passa a apresentar, como uma unidade, significado mais procedural, como ilustrado em (4):

(4) *Agora, se não te dás bem aqui, se te sentes mal, iremos, como que-ri-rias, para as praias. Raulino irá conosco.. - Para a praia! Não vou mais, não.. posso. Hei de ficar aqui até quando Deus permitir. Até.. morrer. Quem sabe? - **Aí está!** Não te entendo. Há bocadinho, falavas nessa viagem que não te saía da cabeça.. Agora.. - Pensei melhor: - Qual, filha! Andas tão atarantada que já não pensas coisa com coisa. - É mesmo, mãezinha. Até parece que estou lesa.* (Século XIX, Olímpio: Luzia homem)

Em (4), *aí está* é empregado como uma instanciação da macroconstrução LocV, realizando um movimento duplo, anafórico e catafórico. Assim, retoma a porção de texto, em que a personagem afirma *para a praia não vou mais não*, e chama a atenção para a porção subsequente que apresenta a visão do locutor, *Não te entendo. Há bocadinho, falavas nessa viagem que não te saía da cabeça*. Tal relação coesiva entre enunciados vai ao encontro da proposta de Tavares (2010), na proposta da função de sequenciação retroativa-propulsora textual.

Assim, considerando-se a rota de construcionalização de LocV, os elementos *aí* e *está* tornam-se um todo composto de forma e significado, deixando de constituir um composto de itens plenos e independentes, como no contexto isolado de (5):

(5) *Fui ou não fui caloteado? Eusébio - Home, o sinhô se cale! Olhe que eu sou mineiro! Lourenço - Não me calo, ora **aí está!** E declaro que não me retiro daqui sem estar pago e satisfeito! (Senta-se) Eusébio - Seu home, olhe que eu..! Lourenço (Erguendo-se) - Eh! Lá! Eh!* (Século XIX, Azevedo: Capital)

O fragmento (5) ilustra o contexto isolado de *aí está*, em que o termo antecedente *ora* contribui como um reforço interjetivo para a sequenciação textual estabelecida: a progressão de enunciados através do tempo discursivo. Nesse sentido, a partir de efeitos contextuais, *aí está* se volta para o enunciado

passado, *Não me calo*, como uma fonte de informações para o discurso subsequente, *E declaro que não me retiro daqui sem estar pago e satisfeito!*.

Se, por exemplo, em (5), a ordem dos termos fosse invertida para *está aí*, ou se algum outro item fosse incluído, como *aí a frase está*, ocorreria mudança no sentido articulado. Há, portanto, nos termos de Croft (2001), um pareamento de forma e de sentido, que constitui uma instanciação do esquema LocV.

Com base na observação dos dados de pesquisa levando em conta a dimensão temporal, conforme se demonstra na Tabela 1, constamos nos séculos XV, XVI e XVII, em contexto normal, o locativo *aí* e o verbo *está* já surgindo contiguamente em ocorrências esporádicas. No século XVIII, levantam-se os primeiros registros de contextos atípicos, que, no século XIX, se incrementam e evoluem para contextos críticos, chegando ao registro de contextos isolados. No século XX, ratifica-se a frequência de uso do contexto isolado, com 52 dados entre os 155 registros gerais, confirmando a tendência verificada no século XIX. Se levarmos em conta que as ocorrências em contextos críticos e isolados são levantadas a partir do século XIX nos dados, podemos confirmar que a LocV constitui construcionalização gramatical mais recente na língua, face aos usos de Loc e V menos integrados, registrados em sincronias anteriores ao século XIX.

Na tabela seguinte, encontram-se, também distribuídas por contexto de ocorrência no século XX, as seis microconstruções pesquisadas por Rocha (2016):

Tabela 2: *Types* da LocV distribuídos por contexto no século XX

Types	C. normal	C. atípico	C. crítico	C. isolado	Total
<i>Aqui está</i>	70	11	6	9	96
<i>Aí está</i>	45	53	5	52	155
<i>Lá está</i>	131	9	3	6	149
<i>Aí vem</i>	27	13	6	11	57
<i>Aí vai</i>	11	6	5	7	29
<i>Lá vai</i>	91	71	9	5	176
Total	375	163	34	90	662

Fonte: Rocha (2016, p. 109)

A Tabela 2 evidencia que todas as microconstruções da LocV, no século XX, são registradas nos quatro tipos de contexto da taxonomia de Diewald (2002; 2006), com menor recorrência do contexto crítico. A distribuição contextual é correlata à distribuição construcional, no sentido de que o ponto maior de vinculação semântico-sintática de Loc e V reside no estágio isolado, em que se detecta a construcionalização LocV, tal como demonstrado nos fragmentos (4) e (5), ilustrados nesta seção. Em termos de frequência do uso construcionalizado, destacam-se as 52 ocorrências de *aí está* em relação às demais microconstruções em análise, ratificando sua exemplaridade nesse grupo.

Do conjunto dos resultados de sua análise, Rocha (2016) comprova que: a) a atipicidade e a criticidade contextuais foram decisivas para as mudanças construcionais que levaram à construcionalização gramatical da LocV na trajetória do português; b) continuam a conviver na língua os distintos contextos motivadores, confirmando distintos níveis de integração semântico-sintática entre Loc e V; c) a construcionalização gramatical da LocV constitui-se em resquício de padrão sintático mais antigo da língua, que tendia a antepor o locativo ao verbo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas considerações teóricas aqui apresentadas, bem como no levantamento quantitativo e no exemplário de Rocha (2016), confirmamos que a mudança gramatical que conduz à construcionalização da LocV relaciona-se diretamente às propriedades contextuais em que Loc e V ocorrem. Em perspectiva histórica, é possível detectar que nos séculos XV, XVI e XVII as referidas subpartes atuam como pronome locativo e verbo, respectivamente, em contextos considerados normais; no século XVIII, são detectados os primeiros ambientes reveladores de ambiguidade pragmática, identificados como atípicos; a partir do século XIX e no século XX, registram-se contextos críticos e isolados, neste último caso, já consumada a construcionalização gramatical LocV. Também a partir da pesquisa da referida autora, a LocV é investigada no século XX com base em seis microconstruções, considerada *ai está*, por sua produtividade em função conectora e por sua antiguidade na história do português, como o membro exemplar desse esquema.

Nesta seção, gostaríamos não só de destacar a íntima relação entre a hierarquia contextual e a construcional, com base nos comentários apresentados e na pesquisa da construcionalização gramatical da LocV, mas também, e sobretudo, de apontar rumos e desafios para a continuidade da pesquisa no âmbito da LFCU.

Uma das tarefas que se apresentam é a seleção de fatores contextuais a serem considerados na investigação, face à complexidade de que se reveste tal dimensão. Outra frente, derivada da primeira, é a detecção de contextos iniciais, minúsculos, pequenos reajustes morfossintáticos, devido a *chunking*¹³, rotinização e seleção repetida de um conjunto particular de constructos, que demonstram evidência de gradualidade na trajetória de itens rumo à construcionalização gramatical.

Na sequência, é preciso a identificação de contextos em que, para além de ambiguidade ou polissemia, sejam verificados rearranjos ao nível estrutural e se, de fato, ambiguidade antecede metonimização. Mais uma tarefa é testar se realmente há mais de um tipo de contexto crítico (DIEWALD, 2002; 2006) ou ponte (HEINE, 2002) para construcionalização e se tais contextos de transição têm, como propõem os autores referidos, pouca frequência no uso linguístico.

É preciso ainda detectar se, rumo à construcionalização, são identificadas mais de uma rota, mais de um ambiente contextual a promover a mudança linguística, além de levar em conta o contexto de

13 Segundo Bybee (2010), *chunking* refere-se a um tipo de encadeamento, calcado na organização geral da memória, em que uma sequência de dois ou mais itens formam uma unidade mais complexa.

construção-específica, o contexto de rede e o contexto textual-discursivo mais amplo.

Por fim, torna-se necessário comparar traços contextuais atinentes à fase pré e à pós-construcionalização, com foco na permanência e na obsolescência de tipos contextuais na mudança linguística.

Como se pode observar, não são tarefas simples e de rápida execução. Trata-se, na verdade, de uma verdadeira agenda de pesquisa. Por outro lado, os resultados promissores advindos da pesquisa realizada no âmbito da LFCU, em termos da correlação entre propriedades contextuais e construcionais, como os apresentados em Oliveira e Rosário (2015), Teixeira (2015), Aguiar (2015) e Arena (2015), entre outros, ensejam a continuidade e o refinamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

Aguiar, M. T. (2015). *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense.

Arena, A. B. (2015). *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense.

Batoréo, H. (2000). *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bergs, A; Diewald, G. (eds.) (2009). *Constructions and Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Bolinger, D. (1977). *Meaning and form*. London: Longman.

Bybee J. (2015). *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bybee, J; Perkins, R; Pagliuca, W. (1994). *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicado: University of Chicago Press.

Catford J. C. (1965). *A linguistic theory of translation*. Oxford: Oxford University Press.

Croft, W. (2001). *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Croft, W; Cruse, A. (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Diewald, G. (2006). Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860>.

_____. (2002). A model of relevant types of contexts in grammaticalization, em I, Wischer e G. Diewald (eds), *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 103-120.

Fillmore, C. (1968). The case for case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert (eds). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 1-88.

Fischer, O. (2009). Grammaticalization as analogically drive change? *Vienna English Working Papers*, v. 18, n. 2, p. 3-23.

Givón, T. (1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins.

_____. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.

Goldberg, A. (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*, Oxford, Oxford University Press.

_____. (1995). *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

Heine, B. (2002). On the role of context in grammaticalization. In: I. Wischer e G. Diewald (eds), *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: p. 83-101.

Hilmmelmann, N. (2004). Lexicalization and grammaticalization: Oppositive or orthogonal? In: BISANG, W. et al (eds). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, p. 21-42.

Hopper, P. (1987). Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157.

Lyons, J. (1970). *Linguagem e linguística - uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Oliveira, M. R; Rosário, I. C. (orgs.). (2015). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj.

Rocha, R. A. (2016). *O esquema LocV: mudanças construcionais e construcionalização*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense.

Tavares, M. A. (2010). Conectores sequenciadores *e*, *aí* e *então* na fala de Natal/RN: indícios de

especialização funcional. *Revista Interdisciplinar*, v. 12, p. 195-213.

Teixeira, A. C. M. (2015). *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense

Traugott, E. (2012). The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, Merya (ed). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, p. 221-255.

Traugott, E. (2008). "Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English", in Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra, eds., *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 219-250.

Traugott, E; Dasher, R. (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

Traugott, E; Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*, Oxford, Oxford University Press.

Recebido em 11/09/2016

Aceito em 28/10/2016